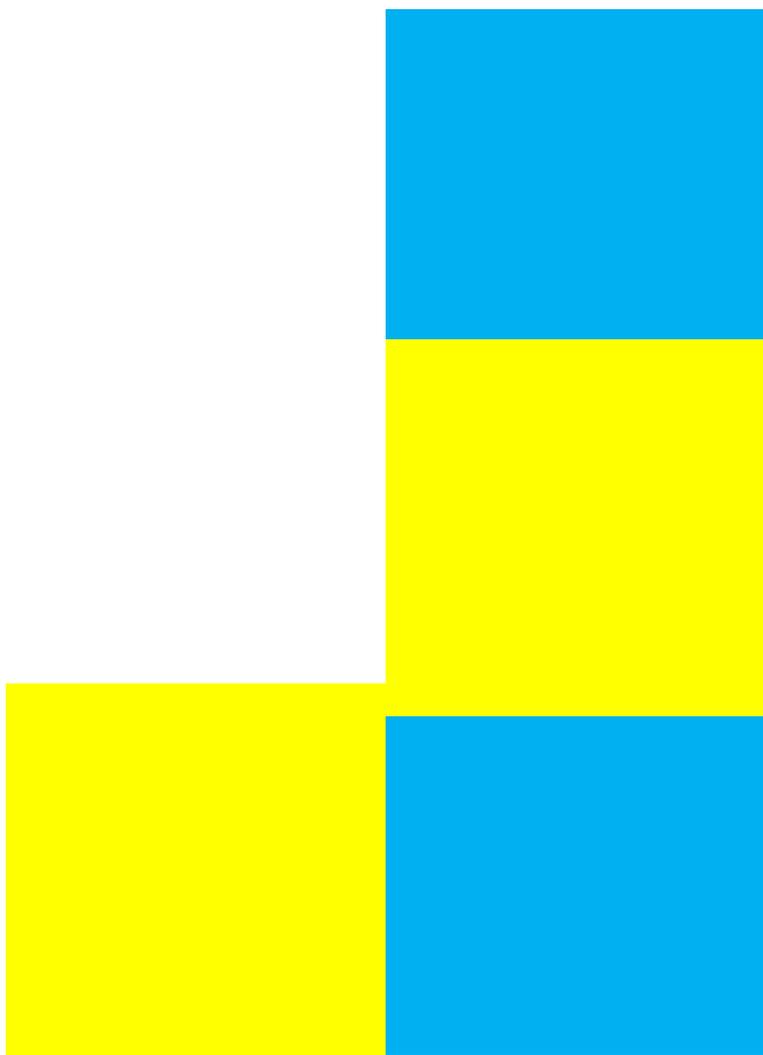


# A narrativa urbana de Marcelo D'Saete, um intérprete do Brasil

Christian Carlos Rodrigues Ribeiro

*Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação Graduação-Pós  
de Programa pea UNICAMP - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.*





**Resumo** Este artigo possui como premissa desenvolver reflexão sociológica acerca da obra do quadrinista e ilustrador Marcelo D'Saete, artista que desenvolve uma obra das mais instigantes em relação ao processo de ser negro em um país como o Brasil, que nega a sua condição de sociedade racista ao mesmo tempo em que impede a sua população afrodescendente a sua condição cidadã e o pleno acesso direitos sociais. O que nos fez constituir esse estudo acerca dessa primeira fase de sua carreira, em que seus roteiros e narrativas gráficas já colocam em primeiro plano as vivências e experiências das populações afrodescendentes em suas relações - simbólicas ou concretas - de sociabilidades, partindo da sua própria conscientização racial e social em relação as condições de marginalização e racismo a que estas eram (são) submetidas ao longo de nossa história. Dando assim origem a um conjunto teórico basilar para se buscar entender o Brasil em todas as suas complexidades e contradições.

**Palavras-chave:** Marcelo D'Saete; Brasil; racismo; narrativa urbana, populações negras.

### **The urban narrative of Marcelo D'Saete, an interpreter from Brazil**

**Abstract** This article is premised on developing a sociological reflection on the work of comic artist and illustrator Marcelo D'Saete, artist who develops one of the most instigating work in relation to the process of being black in a country like Brazil, which denies its condition of a racist society at the same time, it prevents its Afro-descendant population from becoming a citizen and from having full access to social rights. What made us constitute this study about this first phase of his career, in which his scripts and graphic narratives already put in the foreground the experiences of Afro-descendant populations in their relations - symbolic or concrete - of sociabilities, based on their own awareness racial and social in relation to the conditions of marginalization and racism to which they were (are) subjected throughout our history. Thus giving rise to a fundamental theoretical set to seek to understand Brazil in all its complexities and contradictions.

**Keywords:** Marcelo D'Saete. Brazil; racism; urban narrative; blacks populations.

## **Introdução: Influências e processos formativos da obra de Marcelo D'Salete.**

Marcelo D'Salete<sup>1</sup> é dono de uma obra artística cada vez mais reconhecida mundo afora, sendo tema constante de análises e estudos em universidades internacionais, além de reconhecimento de público e crítica em todos os países em que é publicado. Um autor que passou a atingir esse patamar em sua carreira a partir do lançamento das obras “Cumbe” (2014b) e “Angola Janga” (2017), resultantes de extensa e duradoura pesquisa – mais de 11 anos – em que através de documentos textuais, mapas e iconografias de acervos, como o do “Museu Afro Brasil” e o “Parque Memorial Parque dos Palmares”, desenvolveu sua narrativa ficcional para dar voz e evidenciar as razões, os processos de resistências e sobrevivências das populações negras na história brasileira desde nosso período colonial. Assim, colocando em xeque o mito de nosso sistema colonialista enquanto socialmente idílico e harmonioso, ao reproduzir os cotidianos destas populações nas senzalas e quilombos enquanto espaços simbólicos e históricos de poder e contestação a ordem escravocrata vigente. Não no sentido de constituir narrativas heroicas, mas de contribuir com narrativas que contêm e contextualizam como se deu de fato a formação do Brasil enquanto nação social e politicamente incompleta em cidadania e direitos. Mas sim, influenciado pela perspectiva histórica negra do *rap* dos anos 1990, que se fazia até então ignorada ou renegada pelo discurso oficial e formalista de nossa academia, de nossa historiografia.

---

<sup>1</sup> Nome artístico de Marcelo de Salette Souza, nascido em 1979 na cidade de São Bernardo do Campo, criado na zona leste paulistana, no Bairro de São Matheus. Periferia urbana em que já na infância, entre final dos anos 1980 e começo dos anos 1990, teve o primeiro contato com a cultura *hip hop*, em especial o grafite e o *rap*, que tanto influenciou na elaboração e composição de sua própria linguagem artística.



Marcelo D'Saete, um autor em meio ao cenário urbano de suas narrativas. Fonte: [oglobo.globo.com](http://oglobo.globo.com)

Expressão artística das mais significativas e impactantes que surgiu no Brasil no começo dos anos 2000, manifesta-se a partir dos conjuntos sociais e culturais que se dão em sociedade, como que para nos lembrar de que toda arte é política, a partir do momento em que dialoga e interage para além de si, realizando-se ao contato entre diferentes partes, ao ser reconhecida e decodificada pelo olhar e entendimento alheio. Em que a arte não ocorre, ou não se presta, de maneira alienada, e muito menos isenta, pois ela manifesta-se sempre pela premissa de seu autor e de sua recepção pelo público, numa relação de interatividade que pode vir a dar outro(s) sentidos(s) a ela, para além de seu nexos original, por vezes até em antítese, quando não em negação ao seu preceito básico. Mas nunca, pelos motivos elencados, em hipótese alguma, tornando-se apolítica ou neutra. O que nos fez constituir esse artigo visando desenvolver reflexão acerca dessa primeira fase de sua carreira em que seus roteiros e narrativas gráficas – que posteriormente seriam lapidadas e ampliadas em seus arcaibouços, resultando na construção do que denominamos de fase *histórica-documental gráfica ficcional* e a produção dos álbuns “Cumbe” (2018, 2014b) e “Angola Janga” (2017) - já colocam em primeiro plano as vivências e experiências das populações afrodescendentes em suas relações - simbólicas ou concretas - de sociabilidades, a partir da sua própria conscientização racial e social em relação as condições de marginalização e racismo a que estas populações eram (são) submetidas ao longo de nossa história.

Esses assuntos fazem parte do meu cotidiano, do meu dia a dia, das minhas pesquisas, do que reflito. Por fazerem parte da minha formação, essas experiências reverberam nos quadrinhos. Ao mesmo tempo, sinto uma certa

ausência de narrativas que explorem questões sociais e negras. Essa ausência de temas negros e periféricos faz com que eu acabe dirigindo parte dos meus interesses em retratá-los também. (D'SALETE, 2015)

### **1-) A discursiva negra da obra de Marcelo D'Salete.**

O conjunto artístico de Marcelo D'Salete representa uma contemporânea discursiva negra artística oriunda - ao mesmo tempo em que dialoga e se faz constituinte - de uma das características mais vitais ao(s) "movimento(s) negro(s)" no Brasil, que no caso seria a:

Pluralidade de concepções políticas, de matrizes ideológicas, de estratégias de luta; de discursos, enfim. Essa amplitude, que além de política é também cultural, traduz-se em uma dúvida teórica e metodológica quanto aos sentidos atribuídos ao conceito de "movimento negro", quando se o enuncia, bem como os efeitos de sentidos advindos de tal enunciação. (RATTS, 2013: 2)

Obra que, desse modo, acaba por situar-se, inserida e contextualiza a uma tradição discursiva desenvolvida a partir dos movimentos negros, em especial aos constituídos a partir dos anos 1970, de não silenciar ou omitir-se ante ao "não debate" imposto pela intelectualidade brasileira acerca de nossa questão racial e do racismo presentes a realidade histórica e social brasileira, para a partir dessa premissa iniciar o seu processo de '*desmistificar a ideia de negatividade do negro e a desconstruir a ideologia da "Democracia racial"*' (RATTS, 2013:7). Uma discursiva política, inerente a modernidade dos movimentos negros no país, que se fazem ainda presentes, enquanto referenciais de práxis políticas e intelectuais aos atores sociais negros.

O que nos possibilita melhor compreender a constituição e o desenvolvimento do recorte interpretativo da arte de Marcelo D'Salete, acerca da realidade centro-periferia/"nós" *versus* "outros", característica da sociedade brasileira. Sendo esse período de sua obra, após a publicação de "Encruzilhada" (2011), o momento em que o espaço geográfico de sua obra, deixa de ser específico, restrito a um lugar, e passa a tomar a cidade de São Paulo como o plano cenário de suas próximas histórias, em que os conflitos raciais e sociais da capital paulista passam a serem trabalhados como metáforas representativas da sociedade brasileira em geral.

O título do livro, Encruzilhada, vem de uma das histórias, que fala de um caso real, envolvendo o Januário, um homem negro que estava num carro no estacionamento do supermercado Carrefour, e os seguranças acharam que ele ia roubar o próprio carro, levaram ele para um quartinho e o espancaram, esmurram violentamente até ele perder vários dentes. Eu peguei essa história e juntei com outras, ficcionais, e acabei criando uma trama. (D'SALETE, 2020b: 12)

Momento esse em que sua arte atinge uma articulação narrativa, um burilar criativo e crítico que definirá a sofisticação estilística de sua fase urbana, a partir de seu olhar apurado voltado as nuances das relações humanas e dos recantos escondidos da cidade, em que se revelam os cotidianos sociais, as historicidades que tradicionalmente são omitidas ou renegadas, em suas existências e potências humanas. Em que para D'Salete, a cidade se faz por representar enquanto expressão alegórica de sufocamento, por vezes até de um terror (não declarado) psicológico, sempre a nos espreitar, como que representando uma eterna busca de vigiar e controlar de nossas elites tanto sobre os considerados "cidadãos comuns", quanto – e principalmente – as classes sociais para elas definidas enquanto "perigosas". A vida caótica na cidade sendo por este viés analisada, através da perspicácia do olhar interpretativo de D'Salete, enquanto um fenômeno representativo de nossa sociabilidade e cidadania fragmentadas, um espaço que nos proporciona analisar e contextualizar as nossas mais variadas formas e tipos de desigualdades e de discriminações. Ao mesmo tempo em que é nesse mesmo espaço urbano, em que estas mesmas populações interagem e buscam construir alternativas a realidade de discriminação em que se encontram historicamente submetidas. Um conjunto alegórico oriundo de sua narrativa gráfica, como o elemento primordial, para elaboração de sua crítica acerca do racismo brasileiro e dos processos de resistências – ao menos de alguns deles – mesmo que simbólicos e por vezes imperceptíveis num primeiro momento, que se originam a partir das vivências das populações negras submetidas a essas condições.

### **Parte 1-) A concepção artística-política do olhar urbano de D'Salete.**

Obra essa típica de juventude, em que se faz perceptível tanto o desenvolvimento artístico do autor, quanto a sua construção de sujeito histórico e ator social, na sua busca em interagir e interferir ao mundo que o cerca, em um processo de autoafirmação de sua própria condição humana. Em que a negritude

aqui se faz enquanto elemento de consciência racial e criativa, que lhe possibilita artisticamente evidenciar formas diferenciadas de relações sociais e historicidades. Contradições sistêmicas, rugas estruturais que através de seu retrabalhar, apontam para um outro olhar, por outros anseios, e existências que também fazem parte e compõe o universo social brasileiro, contextualizando a sua obra no sentido de pertença a uma expressão artística e política contemporânea de processos seculares de resistências negras. Dessa forma dando vazão a uma narrativa não festiva - no sentido que nos entrega ao final histórias em que nada é posto como representação idílica de felicidade infinita - mas sim por consequências de nossas sociabilidades cotidianas arcaicas. Uma construção narrativa que se dá por recorte social e político sobre a sociedade brasileira, através de uma perspectiva negra, através de *“histórias que sejam significativas pra pensar nas possibilidades de um pensamento crítico sobre o que é ser negro e ser brasileiro nesse país. Esse imaginário do que é ser negro foi elaborado quase sempre por e para pessoas brancas.”* (D’SALETE, 2020a)

Assim estabelecendo um recorte artístico-político próprio, característico, em relação ao racismo estrutural do país, assim como os seus efeitos em nossa contemporaneidade. Obra que tensiona e contextualiza, de maneira tão refinada e orgânica, os fenômenos históricos e sociais que embora imbricados, se dão de maneiras dispares e específicas, mas que são retrabalhados na poética-artística do autor de maneira tão primorosa que essa qualidade metodológica de seu processo criativo nos passa por vezes despercebido, não por falha autoral, mas por nossa própria incapacidade de, por vezes, nos atermos mais as “superfícies aparentes” do que os pormenores e detalhes que revelam as percepções e compreensões acerca de nossos cotidianos. Através de uma linguagem artística que dialoga diretamente com uma expressão cinematográfica que aborda tanto as temáticas afrodiaspóricas em cenários urbanos e os conflitos sociais a eles inerentes, assim como as construções de narrativas em que a cidade nos é mostrada como parte orgânica das filmografias. Uma ligação de diferentes expressões artísticas que acabam depuradas e recodificadas pela autoria de D’Salete, em seu processo de busca criativa de sua própria expressão autoral de arte, de sua própria “voz criativa”. Uma busca dialogal que se evidencia desde seus primeiros trabalhos<sup>2</sup>, que se desenvolve de maneira

---

<sup>2</sup> Não podendo deixar de ser situada a importância que a revista Front - em que D’Salete acabou por publicar por volta de cinco histórias e atuou como membro do conselho editorial - exerceu para o

pública ante aos olhos de seu público leitor, atingindo um padrão referencial, uma identidade de traço e narrativa a partir da segunda edição do livro “Encruzilhada” (2016). Em que o seu trabalhar, com silêncios, de luz e sombras, e ausências de figuras humanas em seus quadros, acabam por representar a sua própria percepção em relação aos apagamentos sociais e distanciamentos entre os diferentes sujeitos que compõe essa metrópole, enquanto simbolização características das sociabilidades formais e informais da sociedade brasileira.

Um código de linguagem que intercala por vezes uma soma de quadros, de construções de páginas que retratam situações ou interações dinâmicas, de cortes acelerados – em consonância com a edição de recortes rápidos do *rap*<sup>3</sup> naquele período – com uma composição de página mais introspectiva, pausada, reflexiva, por vezes sem dialogo, sem menção alguma textual, realizando ao leitor uma paulatina imersão a sua proposta narrativa, transformando paulatinamente, sem que se perceba, em um personagem participante e constituinte da história, ora interpretando os fatos narrados pelos olhos dos personagens, outras pelo ângulo da cidade, e por vezes como sujeito oculto da narrativa, mas mesmo assim cúmplice da narrativa que a ele se faz apresentar. O que torna impossível a ele colocar-se ou situar-se enquanto elemento neutro a história, num processo de criação que acaba por colocar aos leitores a sua condição de pertença a temática trabalhada artisticamente na obra. Em outras palavras, D’Salete demonstra não ser crível a qualquer pessoa se colocar como não participante, como não afetada, ou isenta ao racismo e conflitos sociais que ocorrem e caracterizam a sociedade brasileira.

## **2-) Um cronista do cotidiano e sua arte narrativa.**

Não questionamos ou queremos com isso colocamos em xeque a enfática vertente antirracista e pró negritude da obra de Marcelo D’Salete, mesmo em sua

---

seu desenvolvimento enquanto artista. Sendo definida por ele como a sua “*escola de fazer quadrinhos*” (D’Salete, 2020a), tanto pelo processo de amadurecimento que sua arte narrativa ali sofreu, quanto da recepção de suas produções pelo público leitor e, principalmente, pela troca constante de experiências e perspectivas artísticas com outras autorias.

<sup>3</sup> O seu modelo de criação artística, de constituição de narrativas, de (re)escritas e ampliação de histórias ou álbuns já lançados (D’SALETE, 2016), para melhor adequá-los a sua visão criativa ou para dar vazão a sua necessidade de expressão – no sentido de posicionamento ante momento histórico ou situação social que estimule o seu ser criador – é muito similar aos caminhos percorridos pelos *rappers* na construção, edição/publicação e divulgação de suas obras, revelando uma possível influência desse elemento da cultura *hip hop* que vai além da construção de sua narrativa ou percepção histórica-social.

fase urbana, e nem que este não seja o suporte de seu recorte artístico enquanto referencial que lhe dá sentido em questionar e dialogar aos destinos da sociedade em que se encontra inserido e contextualizado enquanto homem negro afrodiaspórico urbano periférico. Mas apenas contextualizamos que a crítica analítica de sua obra também se dá em relação a urbanidade brasileira enquanto espaço simbólico em que se manifesta e se concretiza o nosso até então fracasso civilizatório.



Reproduções dos álbuns da fase urbana de D'Salette, da esquerda para direita Noite e Luz (2008), Encruzilhada (2011), Risco (2014a) e Encruzilhada – Edição Ampliada (2016). Fonte: Arquivo Pessoal.

D'Salette atua enquanto um cronista social e político do Brasil, um retratista e cronista de nossos hábitos e costumes, das coisas de nossa alma. Ele não inventa e nem incrementa, mas desenvolve sua construção artística, tal qual um artesão, no sentido de ao final de seu mosaico, contribuir para a possibilidade de superação da realidade ao qual retrata, denúncia e não compactua. Mas consciente de que isso só se dará através, e a partir, das lutas emancipatórias, políticas e cidadãs das populações afro-brasileiras como um todo.

[...]é sempre importante a gente saber que é preciso divulgar as lutas que estão sendo feitas contra a retirada de direitos, contra a marginalização, contra a desigualdade social. E essas lutas são também simbólicas. A arte é um modo de

combater o racismo e a desigualdade. Então é claro que a minha obra está sempre em diálogo com essas pautas. (D'SALETE, 2020b: 24)

Retratar a realidade como ela é, sem concessões ou suavidades outras, como opção estética de assim colaborar ao processo de (auto)conscientização de sua população étnica-racial de pertença, para assim tensionar e confrontar o ideário falacioso de que vivemos em uma sociedade socialmente harmoniosa e racialmente democrática.<sup>4</sup> Uma característica de sua obra que situamos enquanto influência da cultura rap das periferias paulistanas a época de sua infância e adolescência, entre final dos anos 1980 e os anos 1990.

[...]minhas histórias são baseadas em relatos que encontro em jornais, pessoas que me contam fatos e, às vezes, em algumas cenas que presencio. Um pouco disso talvez tenha a ver, principalmente em 'Noite Luz' e 'Encruzilhada', com o contexto que eu estava observando na época, envolvendo jovens. (D'SALETE, 2015)

O que nos situa ante a questão da dicotomia periferia-centro da sociedade brasileira ganhar em suas histórias, um olhar aprofundado, ao também inserir a cidade enquanto sujeito participante de suas narrativas, assim inserindo nas suas composições narrativas todas as dualidades, contradições e conflitações que dão forma e caracterizam as relações sociais brasileiras. Assim, potencializando o elemento crítico de sua obra por caminhos criativos não usuais ou ao menos, não tão comuns, ao universo dos quadrinhos brasileiros a época.<sup>5</sup> Uma forma de se discutir o racismo no país, de se problematizar o nosso padrão formal e hegemônico de sociedade. Além de estabelecer uma linguagem socialmente crítica em primeira pessoa e orgânica ao fenômeno histórico-social que ela faz por retratar artisticamente. Obra, que através da valorização de ações cotidianas, constrói narrativas e personagens que dialogam diretamente ao leitor. Para nos inserir ao fluxo das histórias que nos são apresentadas. Sendo, portanto, um autor mestre em contar histórias a partir das ações ordinárias, em relação as coisas aparentemente

---

<sup>4</sup> Característica de sua obra, que também era presente a outras expressões artísticas-políticas afro-brasileiras do período, como o próprio *rap* e a produção audiovisual periférica.

<sup>5</sup> Ao excetuar-se a produção artística constante, entre cartuns e historietas em quadrinhos, de Maurício Pestana nos anos 1990 e 2000, não havia artista negro realizando produção autoral de viés antirracista e pró negritude nesse meio cultural a época com alcance e distribuição nacional.

“simples e comuns”, mas que na verdade carregam as contradições e conflitos que nos caracterizam enquanto povo e país, que se fazem revelar e ganhar forma através de seus lápis e nanquins. O que acreditamos possibilite destacar as composições gráficas de D’Salete enquanto iconografias contemporâneas, com as suas narrativas representando uma quebra a essa normatividade de ocultamento e apagamento aos grupos socialmente marginalizados, para dessa forma dar constituição na elaboração e refinamento de um outro discurso narrativo (D’SALETE, 2020a, 2015).

Considero imprescindível ter autores negros produzindo obras sobre universos negros e sobre outros grupos, não negros. Por outro lado, não criamos essas histórias em um campo neutro. Vamos precisar discutir e dialogar com outras pessoas, autores e leitores, sobre essas representações. É fundamental que autores negros também façam parte desse debate. (D’SALETE, 2020a)

### **3-) “Encruzilhada” e a temática política antirracista de Marcelo D’Salete.**

A publicação de “Encruzilhada” em 2011, se dá no auge da expansão da economia brasileira, quando as ditas camadas populares, obtém um significativo e concreto poder de compra, não necessariamente no sentido de distribuição de renda, compondo uma nova percepção social no Brasil, com o advento da denominada “nova classe média nacional”. O que acabou por gerar a sensação de que todas as mazelas sociais inerentes ao nosso conjunto histórico de sociedade arcaica e excludente fossem sublimados e não fizessem mais parte de nosso cotidiano.

O álbum é a percepção de D’Salete em retratar essa realidade por dentro, em que apesar dos inegáveis avanços econômicos da sociedade brasileira e do impacto financeiro positivo que ela obteve durante toda década dos anos 2000 - durante o período histórico iniciado referente as gestões presidenciais de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2011) que perduraria até o final da primeira gestão presidencial de Dilma Rousseff (2011-2015) – as situações de exclusão e marginalização social, como as do racismo, ainda eram correntes aos cotidianos das populações negras, assim como os processos de dominação e hierarquização típicos de nossa sociedade<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Que além de “Encruzilhada”, presenciou outras obras artísticas e intelectuais - como “Dogma Feijoadá. O Cinema Negro Brasileiro” (2005) de Jeferson De, “Nem para todos é a cidade:

O seu impacto e processo dialogal com o leitor já começa em sua capa, tendo um menino negro sentado na sarjeta de uma esquina, olhando como que perdido para um horizonte que não se vê, com o título da HQ escrita no muro acima da cabeça do jovem, em estilo grafite, incorporada organicamente a cidade. Sendo que em sentido dialético, a contracapa apresenta o mesmo garoto, por outra perspectiva, embora retratado no mesmo lugar e também sentado. Mas com olhar não aparente, como que aparentemente resignado, ante o mundo em que se encontra sozinho, esperando por dias melhores que espera ainda vir.

Em uma narrativa de poucos diálogos, composta muito mais por composições de páginas que variam na quantidade de quadros divisórios, compondo uma interação visual e de percepção fluída e de rápida dinâmica, como que reproduzindo o ritmo frenético das relações e tensões sociais que compõe a vida humana em sociedade, com momentos de maior introspeção que pautam e orientam o enredo dessa obra como um todo. O que lhe garante uma unidade temática e discursiva que se manifesta homogênea por toda a edição, mesmo estando dividida em cinco partes. Para assim apresentar ao leitor o universo por ele descrito-representado de maneira paulatina, em que a experiência se dê por uma maneira mais impactante, emergindo a quem tem contato com ela a um mundo de experiências, sonhos, dinâmicas e pulsões, que se desenvolve como em paralelo a realidade formal/oficial da sociedade brasileira. Sendo que podemos interpretar resumidamente cada parte como:

a-) *SONHOS*: Em um recorte de um prédio em construção, somos postos enquanto observadores do amanhecer de mais um dia rotineiro de dois irmãos, que habitam o seu lugar no mundo a margem dos olhos da sociedade. Interagindo na busca do irmão mais velho por “algo” que alivie o estado de febre de sua irmã. E todos os apuros que ele viverá por isso, a partir do momento que deixa de ser oculto pela invisibilidade de sua (não)presença social e torna-se como que procurado, já sentenciado de antemão, ao mesmo tempo que nos apresenta toda uma gama de

---

segregação urbana e espacial na cidade de São Paulo” (2006) de Maria Nilza da Silva, “Preste Atenção” (1996) de Thaíde & DJ Hum, “Sobrevivendo no Inferno” (1997) e “Nada como um dia após o outro” (2002) dos Racionais MC’s e “Entre” (2012) do Kamau - que nos ajudam melhor refletir e compreender como se davam alguns dos processos de (sobre)vivências das populações afro-brasileiras entre a virada dos anos 1990 e por toda a primeira década dos anos 2000 em meio ao nosso racismo estrutural, a partir das realidades urbanas ocorridas e vivenciadas na cidade de São Paulo.

relações e situações que decorrem a partir ou relacionadas a esta realidade. Das frustrações, silêncios, dores, silêncios e (não)resoluções que compõem a sinfonia da vida urbana, enquanto sonhos que nos confundem e orientam em nossos cotidianos, que apesar de tudo ainda realizam ou atingem aquilo que é considerável inimaginável, mesmo que isso signifique “apenas” mais um dia para novas experiências de provação. Uma narrativa de amor e pertença entre irmãos, que mantem seus laços e por isso suas próprias vivências em meio a uma cidade de frio concerto e alma que parecer existir para negar, quando não erradicar, a sua existência. Ficando ao final da narrativa a sensação de alívio pelo final ali posto, mas ao mesmo tempo com aquela estranha sensação de que até quando tais “finais felizes” ainda farão por ocorrer na vida dos irmãos ou se não é tudo desespero do agente algoz que se manifesta no decorrer da trama? Sendo essa história uma perfeita introdução a narrativa de estranheza e desconforto com que D’Salete pretende nos apresentar a realidade em que vivemos, ou pelo menos a percepção que dela temos. Para nos situar que de fato é tudo aparência, longe de ser realidade, mas pelos olhos e perspectivas do sonho de sobrevivência aos que dela são cotidianamente excluídos e desprovidos de sua própria condição humana, em meio a esse processo de relações socialmente hierarquizadas a quais todos nós se encontram inseridos.

b-) 93079482: História que começa nos apresentando uma jovem mulher, aparentemente saindo de seu trabalho burocrático, indo em direção a um shopping, em que através de poucos quadros somos situados ao momento em que compra um aparelho celular. Ato que dá início a toda uma trama que mostra os processos de interações e redes sociais em que a personagem sem nome, seu namorado Beto e seu primo Nei, representam a vida humana em meio a todo um processo social em que suas vidas nada representam ao final, apenas consequências e facilitadoras para a circulação e reprodução do capital e da relação de consumo a ele associada. São produtos usados e descartados de acordo com valoração e necessidade do momento, sempre inviabilizados, circulando e ocupando espaços nas periferias do sistema, a margem da centralidade decisória desta realidade, transitando por entre as sombras e frestas da cidade. Perdidos cada um em seus sonhos ilusórios de fugir (Primo Nei), controlar (Beto, o namorado da moça sem nome) ou ao menos ludibriar (a personagem sem nome) a essa realidade, que de todas as formas e meios sempre

busca por cobrar aquilo que considera seu. Para ao final serem apenas mais um dos infinitos números que compõem os códigos que identificam os diferentes códigos que dão visibilidade e precificam o valor de cada das vidas que habitam e formam a sociedade em que nós vivemos. Ao seu final expostos para a venda, armazenados e para pronto uso, como que em um celular exposto em vitrine de uma loja, de um bairro qualquer, de uma cidade qualquer, de um lugar qualquer, para assim dar continuidade a essa vida qualquer a que todos – ao seu final, conscientes disso ou não - nos encontramos submetidos. Eternos 93079482, o número de chamada do aparelho celular que dá nome e movimenta toda a história, a espera de serem discados e assim dar vazão, e reprodução, a toda essa engrenagem aparentemente sem fim a qual todos pertencemos.

c-) “CORRENTE”: As pequenas-grandes relações humanas, entre fé e amor, como espera de algo superior que nos aliene de nossa percepção de não vida as quais as personagens se encontram expostas em seus cotidianos. Numa história com roteiro baseado no conto de Kiko Dinucci, somos apresentados a narrativa a partir do acordar de um jovem em meio a madrugada, que de imediato dirige seu olhar ao apartamento em frente, no exato momento em que um casal adentra ao apartamento da frente e somos, em poucos quadros, apresentados a percepção de que a vizinha é uma – talvez - esposa, amante, prostituta, mas seguramente objeto de desejo de seu vizinho que acompanha todo o desenrolar do ato entre ela e seu companheiro, até o momento em que ambos se olhar diretamente, sem dizer uma palavra, por entre as janelas que os conectam e os isolam em seus silêncios gritantes. Até que ela se veste e sai do apartamento, circulando pela área comum entre os edifícios vizinhos e subitamente a vemos batendo insistentemente a porta de seu vizinho-espectador. Como que por querer romper essa não vida, de isolamentos e restrições, de desejos suprimidos, de humanidades não realizadas que nunca se completam, que nunca se conectam. Para nada ocorrer, diante de seu vizinho, em cócoras, cabeça entre os braços, se negando a abrir e enfrentar a representação de todos os seus desejos, de encontrar e viver a sua liberdade, sem os limites que lhe cercam, olhando aos céus, esperando o tempo passar, anunciando a chegada de um novo dia, na esperança de ter novamente a oportunidade de romper os temores e as amarras que o impedem de viver em sua plenitude. Para não abrir a porta, quando a possibilidade de ser feliz, nela for bater.

Ao sair de seu apartamento, segue ao elevador que ao ser aberto lhe dá como recompensa, pelas mãos de uma senhora, a imagem de uma santa, com o pedido de “não quebrar a corrente”, que agora está acompanhado pela Santa e sua graça divina, ao mesmo tempo em que somos apresentada a sua vizinha ao lado, lhe cobrando uma visita ao “Lindoal” – seu esposo companheiro – e se ele poderia lhe fazer um favor antes disso, precisando para isso dirigir-se a um bar, em que será submetido a situação de humilhação e racismo pelo dono do bar, perante aos olhos da sua vizinha da frente, seu objeto de desejo e vida, a quem nega abrir a sua parte, mas não esconde o seu querer pela mesma. Que lhe acompanha passo-a-passo com os olhos, enquanto se deixa acariciar e é beijada por outro homem...

Corte de cena e já temos o nosso personagem principal voltando ao seu prédio, mas se escondendo da senhora que lhe repassou a imagem da santa, salvo pelo acaso de um gato preto que lhe cruza o caminho e acaba permitindo sua entrada ao recinto sem ser notado pela anciã. Já se dirigindo de imediato ao apartamento de sua vizinha e do Sandoval, em que somos postos a compreensão de que estamos diante de um casal, não necessariamente de parceiros, em que o homem (Sandoval) ocupa um papel de dependência da mulher, representado pela necessidade de tomar uma sopa através de canudos e sendo cuidado em zelo por ela durante esse seu processo de alimentação. Quando em rápido recorte somos levados a cozinha, espaço pequeno, restrito, escondido, fora dos olhos da casa, em que temos nosso vizinho do apartamento 202 beijando a companheira de Sandoval, em meio ao mundo que segue seu rumo, seu fluxo temporal, independente de suas ações. Temos novo corte, em que vemos nosso personagem chave deixar o apartamento, voltando ao seu lar e abrir a santa, pegando o número do próximo apartamento a receber a imagem e a graça nela contida. Vemos nesse sentido ele dirigir-se ao apartamento 305, rompendo o pátio interno e já batendo a porta procurada, vemos a mesma se abrir e nos revelar a presença de sua vizinha da frente, do seu desejo de vida encarnado, que espantada, lhe diz: “*Você aqui?!?!*” (D’SALETE, 2011: 65). Tendo como resposta, daquele em qual reconhece como sua contraparte, de desejo em vida, apenas o silêncio! E a santa imposta em suas mãos... Lhe deixando em situação atônita, retratada por quadros que nos transmitem a sensação de uma temporalidade que ali transcorreu, de maneira indeterminada, até que ela rompe um aparente torpor causado pelo impacto da situação e se dirige a escadaria, na

esperança de ver aquele que rompe a inércia de seu mundo. Mas em vez de encontrar essa sua luz de esperança, encontra a mais profunda escuridão, como que sinalizando não haver perspectiva, não haver luz em seus sonhos e desejos - remetendo diretamente ao conceito noite-luz de sua primeira HQ, não por acaso chamada “Noite e Luz” (2008) - lhe restando por isso voltar a sua vida comum, não sem antes colocar a santa em alto lugar, para por ela ser agraciada, e assim dar sequência ao seu cotidiano, sendo observada atentamente pelos olhos daquele que lhe acompanha, em resignada paixão silenciosa do outro lado de sua janela. Em uma história que nos situa entre personagens perdidos em desespero entre o mundano e o divino, numa não vida ao qual possuem consciência, mas paradoxalmente tão alienados por ela que não conseguem romper, pelo medo de trilhar caminhos próprios, essa condição de anestesiados, de torpor ao qual acabam se adaptando, enquanto vão pouco a pouco definhando de seus sonhos, anseios e possibilidades outras. Num círculo de não-vida, que se repete em espiral aparentemente sem escapatória.

d-) “*BROTHER*”: É a história em que ocorre uma inflexão ao processo narrativo do álbum, pois até então ocorria uma aparente prevalência de uma discursiva em que os personagens até então retratados viviam em uma espécie de inescapável resignação, de desesperança ante a realidade que se apresentava enquanto inexorável, diante de seus olhos. O que acaba por mascarar, escamotear os processos de diferentes resistências, em diferentes perspectivas, que compõe os cotidianos dessas populações em meio a conjuntos de relações sociais e culturais que parecem existir para perpetuar o sistema de opressão e dominação a que se encontram inseridos em meio ao caos urbano que os cercam. Uma forma de reflexão e ponderação acerca dos processos de (sobre)vivências que as populações afro-brasileiras desenvolvem ao longo da história do país e que acabam por manifestar-se em nossas urbanidades diárias, mesmo que imperceptíveis – em importâncias e significados - na maioria das vezes.

Nesse sentido, “*Brother*” é constituída por uma narrativa em que através de um caos urbano, permeado por uma série de contravenções e ilegalidades – como que para atestar ao leitor a espacialidade de um “não lugar”, fora da ordem do sistema – a margem dos padrões formais de organização social, em que somos apresentados a uma jovem, acompanhada de sua pequena irmã, vendendo os

chamados *dvd's* piratas. Para a partir desse momento acompanharmos as diferentes interações que se desenvolvem a partir da primeira venda realizada, com várias cenas, diferentes ângulos e perspectivas que se conectam e interagem dando forma a narrativas fragmentadas, mas coesas a intenção do autor, visando nos demonstrar que em meio a essa desordem e confluências relacionais – diretas ou não – que se fazem constituir, ocorre uma incessante busca pela vida daqueles que estão fora da esfera dos direitos sociais e cidadania que em teoria deveriam ser comuns a qualquer pessoa. Como que nos situando que apesar de todas as intempéries, como a violência urbana e a precariedade social, os laços amorosos, os afetos e sentimentos pelos seus são passados de geração em geração, como ensinamentos para superação dessas alteridades, não em sentido de esperança “pura e simples”, mas pelo aspecto de não abdicar pela busca em construir uma outra realidade, que de fim a rotina de caos e abandono em que estão postos. Ocorrendo uma ligação direta dessa história com os filmes que aparecem em meio ao desenvolvimento da narrativa, durante a busca dos personagens por diferentes meios e perspectivas. Seja em fé, esperança, desencanto, revolta ou delírio, com cada qual a procura de sua felicidade que insistem em lhes negar<sup>7</sup>.

Momento da HQ em que se realiza uma confrontação aos pré-conceitos, as noções e interpretações pré-concebidas que acabam por desumanizar as populações que vivem ou são associadas as periferias – assim como as favelas e as “quebradas” – brasileiras, enquanto locais de desesperanças, de puro caos e desespero. Nos mostrando que em meio a todas as impossibilidades e até mesmo do próprio descrédito do leitor, nesses espaços urbanos ocorrem processos de reflexão, existem locais de utopias, como tal qual o jardim de belas flores em que mãe e filha tecem as redes de seus sonhos por uma outra vida, longe das certezas medíocres e assim romper as correntes mundanas daquilo que nos condicionaram a entender enquanto realidade.

---

<sup>7</sup> Uma amostragem do processo criativo de Marcelo D'Saete ao público leitor, destacando a articulação de diferentes ilações e referências estéticas e teóricas que acabam por dar forma e caracterizar a uma outra expressão artística.

e-) “ENCRUZILHADA”: Sua obra que dá título ao álbum é sua história de linguagem mais visceral e direta, em que realiza quadrinização em torno de um caso real.

O título do livro, Encruzilhada, vem de uma das histórias, que fala de um caso real, envolvendo o Januário, um homem negro que estava num carro no estacionamento do supermercado Carrefour, e os seguranças acharam que ele ia roubar o próprio carro, levaram ele para um quartinho e o espancaram, esmurram violentamente até ele perder vários dentes. Eu peguei essa história e juntei com outras, fictícias, e acabei criando uma trama. (D’Salet, 2020: 12)

No decorrer da narrativa somos inseridos em meio a uma situação em que um homem negro (Janu) é causado injustamente de tentar roubar o seu próprio carro no estacionamento do hipermercado, sendo rendido, julgado e condenado pelos seguranças do local que o espancam violentamente aplicando-lhe fisicamente o seu senso de justiça. Sendo tratado enquanto ladrão e punido por isso – nas certezas irrefutáveis de nosso racismo estrutural – enquanto, que os verdadeiros ladrões, um casal de jovens brancos de “boa aparência”, insuspeitos de antemão de serem portadores de qualquer potencialidade criminosa. Que acabam por roubar justamente o carro de Janu, com o seu bebê dormindo ao banco de trás.



“ENCRUZILHADA” (2016). Fonte: Arquivo pessoal.

Assim dando origem a uma história de viés psicológico e policial, em que o grande vilão da narrativa é o racismo invisível, que controla nossas relações sociais cotidianas, nos rotulando nesse processo em torno de “cores e valores” – numa ilação direta ao conceito de racismo de marca, desenvolvido pelo historiador e sociólogo Clóvis Moura, que através de sua práxis intelectual pública defendia a teoria social de que a pele negra carrega em si, devido a nossa estruturação social e histórica arcaica e racista de origem escravocrata, toda uma valoração negativa, de todos os males e não virtudes que se possam associar a um grupo humano em específico, como a vagabundagem, fraqueza psicológica, raiva gratuita, promiscuidade, servidão natural, inveja, alcoolismo e tendência natural ao fetichismo, erotização natural e criminalidade. Em que o negro é sempre o suspeito e culpado natural em qualquer situação em que ocorra situações de conflitações que afetem a nossa normalidade de nosso cotidiano social (MOURA, 1977).

O que nos permite, através dessa contextualização, compreendermos *ENCRUZILHADA* enquanto uma história que nos leva por situações que acabam por articular o universo de Janu e do casal de assaltantes, num final de corpos ao chão que deixam o simbolismo da cena ser preenchida pelos olhos, sentimentos e percepções de quem acompanha o desenvolver narrativo da trama, num processo de preenchimento dos silêncios que intencionalmente dão forma e sentido as páginas que temos em mãos. Mas que não deixa de pautar a violência do racismo brasileiro e de quanto os seus efeitos acabam por interferir na vida de todos que habitam em nossa sociedade. Como a nos dizer que ninguém está imune ou seguro a ele, e que estamos todos em um mesmo enredo desse grande filme de terror ao qual estamos cotidianamente submetidos. Em uma eterna gravação, como demonstra a última cena do capítulo, amarrando todo o álbum, dando-lhe a sua unidade e identidade narrativa, ao mesmo tempo que parece estarmos sendo gravados e nesse sentido também inseridos ao conjunto de narrativas as quais fomos submetidos enquanto simples espectadores, sem percebermos que de fato também eramos atores constituintes dessas histórias, como que se tudo estivesse, como assinala Marcelo Yuka na introdução do álbum, “*misturado, tudo parece estar por um triz, como destinos encruzilhados.*” (YUKA, 2011: 7)

“*RISCO*”: “*Encruzilhada*” entendida enquanto uma obra que, tal qual as produções de *rap* tão caras ao autor, foi reelaborada, a partir de sua nova edição em

2016, com uma mudança na última página de “Brother” em que temos a cena do celular gravando toda a trama e o leitor, por um ângulo invertido em que aparece em foco o portador do aparelho celular, que não é mais a personagem feminina de 93079482, mas sim a penúltima e última páginas de *SONHOS*. Nos proporcionando a liberdade artística do autor em alterar a sua própria obra, como que atualizando a mesma as mudanças ou maiores percepções críticas que desenvolveu ao longo dos anos entre a primeira e segunda edição da obra. Como, associando a cultura *rapper* a primeira edição fosse um EP<sup>8</sup> e a segunda edição a versão definitiva e completa do álbum, com novas páginas internas e viradas de páginas modificadas, como que rearranjando a própria narrativa anteriormente exposta



“RISCO” história presente a segunda edição de “ENCRUZILHADA” (2016). Fonte: Arquivo pessoal.

Processo esse de (re)construção de valores e significados que nos possibilita compreender a sua nova edição ampliada, publicada em 2016, tendo a inclusão da história “RISCO”, por essa história ter “*uma temática que dialogava com o livro.*” (D’SALETE, 2020: 13). Uma narrativa discursiva em que somos apresentados a Doca, guardador de carros, que acabou por sofrer abuso policial e ter seu dinheiro extorquido em meio a essa situação de violência urbana. Para daí sermos apresentados a sua relação com a jovem Eli, com a qual divide suas considerações, sonhos e revoltas. Nos colocando diante de pessoas que não mais aceitam tal rotina, mas que precisam tolerar e se adaptar a mesma, para garantirem a chance de

---

<sup>8</sup> Abreviação de “*extended play*”, utilizada no meio musical para designar álbum longo demais para ser um *single* (compacto), geralmente com duas faixas, mas ao mesmo tempo curto demais para ser um “*Long Play*” (*LP*), composto em média por dez ou doze faixas.

sobreviver a mesma. Uma trama baseada entre idas e vindas, que nos coloca ante um Brasil real em suas contradições e dores, sua mesquinhez humana destilada sem pudores. Um risco narrativo que poderia muito bem por acabar em obra vaga em sua discursiva, perdida na elaboração e desenvolvimento da história, mas que se faz superado por D'Salete, que nos apresenta o seu mais conciso trabalho – pelo menos de sua fase urbana - em relação ao racismo brasileiro e as consequências que dele têm origem.

Ao trabalharmos o conceito sociológico de “racismo de marca” desenvolvido por Clóvis Moura, tecemos olhar crítico ao trabalhado artístico desenvolvido em “*RISCO*”, como uma metáfora representativa da dualidade racial-social brasileira que nos modula enquanto sociedade dialética, portanto, de contraposições ao mesmo tempo antagônicas e complementares. Em que tudo que de mau, perigoso e sem valor é associado as populações negras e as suas manifestações e conjuntos sociais e culturais, as suas negritudes, enquanto o contrário se dá em relação as populações brancas e as suas respectivas manifestações e conjuntos sociais, o que pode-se compreender enquanto “privilégios de branquitude”. Com o “sistema” sempre operando pela lógica das relações estruturais e simbólicas de poderes constituídos que regem os padrões comportamentais a serem protegidos e seguidos para manutenção e reprodução da ordem social vigente.

Realidade essa que se faz descrever ao longo das páginas, com Doca sendo inserido a uma série de abusos e riscos, pela incapacidade de sua contraparte narrativa e humana na história (representado por um jovem homem loiro, não identificado por um nome próprio) que está inserido a trama enquanto representação de uma parte da população brasileira que possui ciência e tira proveito de sua condição de superioridade social e racial, quando esta lhe convém<sup>9</sup>. Mesmo que por motivo dos mais fúteis, como o de não querer arcar com o prejuízo de um serviço de funilaria, optando em culpar Doca por isso, dando vazão as violências que dali farão presentes ao corpo do texto e desenhos apresentados. Privilégio a um e culpabilidade ao outro, sem contestação ou hesitação, que se faz reafirmar com a chegada dos policiais militares que ratificam nosso personagem

---

<sup>9</sup> E acabará por receber todos os afagos e suportes de seu círculo de pertença, como se ele fosse a vítima da situação ao qual foram expostos e não, o agente causador da mesma. Uma forma sutil do autor reafirmar a posição de privilégio que o personagem representa.

principal enquanto culpado, o julgando e condenando como que em um tribunal de rua. Só não o executando por “*ter gente demais. Não vá fazer besteira*” (D’SALETE, 2016: 150) Nos Passando a sensação de que foi um ato não de misericórdia ou bom senso, mas de adiamento para um ato de execução em segredo e sem testemunhas. De que o destino de Doca já está definido. Tudo isso entre um intervalo de páginas em que fomos transportados as emoções, percepções e desejos de algumas das pessoas que observavam a situação e que optaram em não interferir ao que ali ocorriam, seja por temor ou por cumplicidade. Sendo que aqui é realizada crítica explícita ao papel de certa da grande mídia que opta por vezes em dar visibilidade aos casos de violência contra a população negra quando estes estão já consumados, em vez de atuar para a sua não ocorrência, visando com isso a obtenção de audiência e dividendos que isso possa lhe acarretar. Numa prática que em nada combate ao racismo presente em nosso cotidiano, mas sim de certo modo o estimulando ao agir dessa forma. Sendo ela também cúmplice desse nosso cotidiano de horror e morte que nos caracteriza enquanto sociedade.

Mas, como não aceitando em suas páginas, em sua história tais fatos e fenômenos sociais que está cansado por vivenciar diretamente ou através dos seus, D’Salete opta em dar razão a um outro término a sua narrativa,, nesse recorte brincando até com os sentidos do público leitor, quando nos situa ante a um novo final, em que graças ao amor de sua amada Eli, Doca contra todas as probabilidades e dificuldades, escapa das garras da morte, não virando mais uma das frias estatísticas, por vezes sem nome, que acabam por rotular jovens como ele quando se encontram em situações parecidas as que foram retratadas pelo autor. Para ao atravessar toda a cidade, chegar ao amanhecer de um novo dia, em meio ao fluxo da cidade que segue a sua rotina desumana e insensível, de precificação e de dar valores a tudo e a todos, quebrar a essa rotina, a essa lógica, dando vida, emoção e alma a mesma, ao ter como retrato final a narrativa o beijo terno e apaixonado do casal, como que celebrando a vitória ante a um destino que se posta a eles enquanto inexorável, mas que ele enquanto autor se nega a retratar, para desse modo não compactuar a um sistema que parece existir e viver a partir das dores e mortes que causam aos seus. Dando assim um sentido de completude a “*ENCRUZILHADA*”, enquanto obra que construída, modificada, retrabalhada simboliza o criar artístico de sujeito social e político inserido ao seu tempo histórico, assim como as

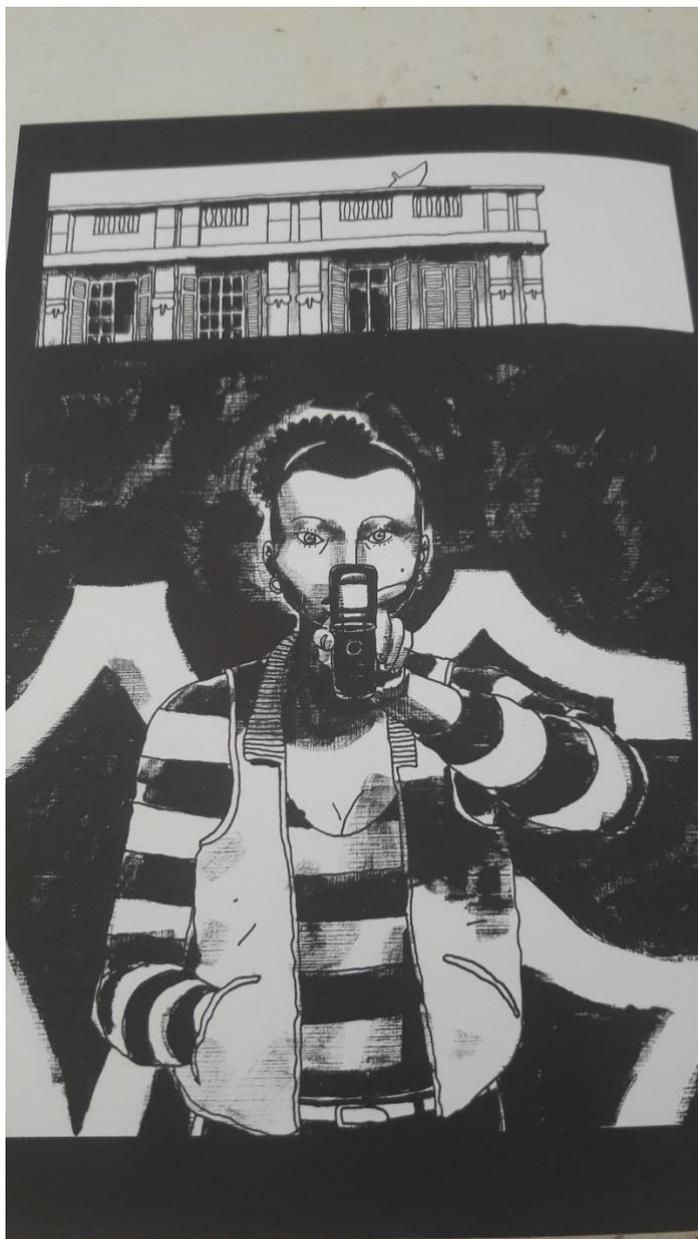
características sociais contraditórias e conflitantes do mesmo. Para dessa forma contribuir para a superação de nossa condição de sociedade socialmente racista e discriminatória, estruturalmente arcaica e conservadora.

“*ENCRUZILHADA*” portanto, não é obra de primeira impressão ou de fácil entendimento. Não há dúvidas quanto a discursiva ou perspectiva antirracista do autor, mas a maneira como são desenvolvidas, como se dá e articula a narrativa das histórias nos apresenta uma obra que ao seu final será degustada, recepcionada e trabalhada pelos leitores através de várias interpretações. Oriundas do universo gráfico-poético desenvolvido por D’Saete através de sua perspectiva artística afro-brasileira.

*Encruzilhada* não é um livro que se explica. O leitor precisa completar diversos elementos para entender o que está acontecendo. Isso foi uma influência de alguns filmes que estavam me chamando atenção, como alguns do Michael Haneke ou o *Passageiro, Profissão Repórter*, do Michelangelo Antonioni. Eu tentei transpor a linguagem desses filmes para os quadrinhos. (D’SALETE, 2020: 15)

Perspectiva que pode, por vezes, não ser explícita – como em sua primeira versão - mas que está presente por toda a sua fase urbana. Seja na caracterização e desenvolvimento da maioria dos seus personagens retratados, das relações e interações sociais a que eles se encontram submetidos e dos processos de sociabilidades, as novas historicidades que estes desenvolvem diariamente, em suas dinamizações culturais e políticas das normativas societais enquanto padrões formais que nos regem em sociedade. Não é realizado de modo escancarado, por estilo de narrativa sutil do autor, delicada, meticulosa que pacientemente nos articula um cenário maior que ao seu final revela todas essas nuances, nos fazendo perceber que estamos diante de uma narrativa gráfica referente as experiências urbanas culturais e políticas das populações afro-brasileiras - tendo como palco simbólico dessa representação acerca da questão de nossas mazelas urbanas e de nosso racismo estrutural – a partir das periferias urbanas paulistanas, entre final dos anos 1990 e pelas primeiras décadas do século XXI. Tornando-se desse modo um referencial teórico dos mais significativos, enquanto representação direta, em primeira pessoa, de artista e cidadão, sujeito político e crítico social acerca de uma época histórica de nosso país, em que o autor viveu, presenciou e ajudou a construir

e dar forma. É um conjunto artístico de sutilezas e percepções, de mínimos, mas fundamentais detalhes para melhor fluidez e compreensão de sua narrativa e temática. Não sendo por isso recomendável que se espere da sua crítica, acerca do racismo brasileiro, de suas diferentes formas de manifestações e ocorrências, manifestação de maneira direta ou explícita.



Desenho que encerra a segunda edição de “ENCRUZILHADA” (2016), como que situando ao leitor de que ao estar sendo gravado, ele também, de um jeito ou de outro, acaba por fazer parte da narrativa artística ao qual acabou por folhear. Rompendo assim a fronteira entre realidade e ficção. Fonte: Arquivo pessoal.

Tal característica de sua obra, se faz posta de maneira sutil - embora desde o primeiro momento já revelada para nós - só que articulada e desenvolvida de tal

maneira refinada, conceitual e narrativamente, que só a percebemos no decorrer da leitura, quando somos tomados por uma sensação de estranheza e incomodo com aquilo a que estamos sendo sutilmente imersos, num continuo crescendo em relação ao nosso processo de percepção e compreensão relacionado a obra, que nos instiga ao final termos o entendimento de que temos diante de nós um retrato urbano e cotidiano de nossa estratificação racial e social, de nosso arcaísmo e racismo estruturantes que se fazem determinantes ao decorrer do conjunto de nossas relações – formais ou não – sociais.

Nos possibilitando potencializar, tanto individual, quanto coletivamente, as histórias que acabamos por ler, sempre com novos aprofundamentos ou novas perspectivas a cada releitura. Uma obra em constante e dinâmica (re)construção de significados e valores, em atualidade contemporânea para compreensão e busca de superação acerca da nossa origem escravocrata e caráter senhorial que ainda continua a nos caracterizar em nossa incompletude enquanto nação.

#### **4-) Considerações finais:**

D' Salette com sua práxis artística amplia o sentido e a noção que comumente associamos ao papel social do intelectual, para além de seu sentido mais tradicional e elitista (SILVA, 2006). Em consciência de que se é impossível tornar-se apartado das “coisas do mundo”, imune aos alcances e efeitos dos fenômenos sociais, que afetam diretamente os processos das relações humanas em sociedades minimamente e estruturalmente organizadas. E tal tomada de consciência perante o mundo, se dá em opção por não buscar interpretá-lo pelas perspectivas ou interesses das elites, mas sim pelas vistas dos socialmente marginalizados e excluídos, mas não em sentido de “simples” observador de fatos, mas daquele que busca tensionar a presença humana ao mundo. No sentido de tensionar essa realidade que é construída e imposta, portanto, não natural ou divina, mas resultante das relações de disputas e de poder humanas, visando a superação da “normalidade social” que nos rege.

Um exemplo de intelectual no sentido de engajado, daquele que não se coloca em posição de superioridade nem em relação “aos seus”, nem em contraposição – numa sociedade de classes – aos seus antagonistas sociais, mas sim pelo sentido de que:

Engajar-se é assumir uma posição no mundo, é tomar partido e assumir os riscos inerentes a essa atitude. Determinadas situações históricas não permitem a neutralidade política. Por outro lado, o engajamento pressupõe escolher um dos lados em disputa. (SILVA, 2006: 198).

Construtor de uma arte, de uma expressão artística portanto engajada e política. Mas política não em perspectiva político-partidária, mas de organicidade a determinado grupo étnico-social e da conscientização em representar-visibilizar a estes, em meio aos mais variados grupos sociais que formam e caracterizam uma sociedade enquanto um espaço permanente de tensões, disputas e conflitações políticas. Realidade essa retratada através de uma narrativa urbana constituída através da soma de pequenos contos, (re)trabalhados e (re)organizados em torno de uma mesma temática - ou através de situações correlatas - burilada e refinada através da ótica artística do autor. Para assim dar forma a um discurso conjuntural contemporâneo sobre os processos de lutas e resistências das populações negras em suas diferentes práxis políticas, culturais e religiosas, contra a estrutura racista e racialista da sociedade brasileira.

Artista consciente de sua inserção em um processo de indústria cultural, que em teoria homogênea todos os produtos que nela se têm origem, retirando destes qualquer sentido ou significado que poderiam vir a ter. Mas que em realidade, enquanto resultante de sua práxis intelectual, não perde a finalidade social de sua produção, ao qual exerce pleno controle conceitual e criativo. Dessa forma, dessa maneira gerando uma obra radicalmente libertária em sua premissa antirracista e pró negritude, além de artisticamente independente em relação as amarras reducionistas e controladoras do chamado “deus-mercado”. Exemplo de autor e obra que não se coadunam aos caminhos artísticos hegemônicos de alienação – quando não omissão – social, em manter-se neutros ante aos infinitos processos culturais e políticos que ocorrem numa sociedade, sem medo ou perspectiva outra de não se opor e assim contradizer os males e contradições sociais, que nos caracterizam enquanto nação em incompletude, acabando por perpetuar o nosso arcaísmo societário e o nosso racismo estrutural. É por isso também, uma obra que se manifesta e se posiciona enquanto antissistêmica, ao realizar-se através de sua problematização perante a “realidade do mundo” e não esconder-se em sinecuras

mercadológicas ou burocráticas, que acabam legitimadas por um apoliticismo artístico *mainstream* em terras brasileiras.

Nesse sentido, interpretamos Marcelo D'Salete tal qual um pensador social, um intérprete do Brasil que utiliza de sua expressão artística para buscar compreender o que somos hoje, ao problematizar e tensionar o que já fomos e assim poder contribuir para a construção de um porvir social e democrático em nossas terras. Construtor de um aparato epistemológico e arcabouço teórico que rompe o nosso aparelho social sistêmico, que parte de um cânone oficial e formal que busca manter intocável a nossa falácia enquanto democracia racial e sociedade socialmente democrática. Sendo a fase urbana de sua obra, uma práxis de recorte analítico que destaca os efeitos dessa nossa incompletude enquanto nação. Para assim, através de seu livre exercício artístico-criativo, em buscar compreender, interferir e modificar a sua própria realidade-mundo, constituir uma das obras mais originais e significativas da moderna cultura brasileira, em seu retrato sem concessões ou suavizações daquilo que já fomos, somos e poderemos vir a ser. Autor que opta por retratar suas histórias, enquanto compromisso artístico e político, pelo olhar e perspectiva das pessoas comuns:

[...]que passaram por situações extremamente difíceis de vida, mas que conseguiram estabelecer estratégias de negociação e de sobrevivência. Gente como a [escritora] Carolina de Jesus, o [aboliconista] Luiz Gama, a [líder quilombola] Tereza de Benguela, a [atriz] Ruth de Souza, o [dramaturgo] Abdias do Nascimento e diversos outros personagens que não têm nada a ver com reis ou super-heróis. São pessoas que precisamos conhecer para compreender esse Brasil profundo, que têm muito a ensinar tanto a jovens como a adultos no país hoje. (D'SALETE, 2021)

Que saibamos e consigamos. estar à altura de tal desafio que a sua arte nos coloca em quase duas décadas de plena criatividade. Nos passando cada vez mais a impressão, ou, na verdade, a convicção de que para se conhecer o nosso país em todas as suas contradições e potencialidades, a fim de se buscar decifrar esse grande enigma chamado Brasil, a obra de D'Salete, se faz mais que referencial, quando não fundamental, a nos conscientizar e emponderar na busca pela construção de uma sociedade que finalmente faça jus as memórias, as lutas, aos esforços, sonhos e

esperanças dos nossos antepassados africanos e afrodescendentes que aqui, apesar de todas as dores e sofrimentos, nos geraram em vida, esperança e resistência!

#### 4-) Referências Bibliográficas:

DE, Jeferson. **Jeferson De. Dogma Feijoada. O Cinema Negro Brasileiro.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005. (Coleção aplauso. Série cinema Brasil).

D'SALETE, Marcelo. **HISTÓRIAS NECESSÁRIAS.** Ecoa-UOL, (21/02/2021). In: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/marcelo-dsalete-cultura-banto-tem-presenca-fortissima-na-nossa-linguagem/#cover>, acessado em 19/06/2021.

D'SALETE, Marcelo. **Entrevista com Marcelo D'Slate: "O racismo opera na lógica de negar a humanidade dos outros".** Plaf. (2020a). In: <https://www.revistaogrito.com/plaf-entrevista-com-marcelo-dsalete-2>, acessado em 19/06/2021.

D'SALETE, Marcelo. Entrevista com Marcelo D'Salete. **Revista Expressa**, São Paulo. n.8. pp 3-27, Abril/2020b.

D'SALETE, Marcelo. **Cumbe.** São Paulo: Veneta, 2018. (Versão ampliada).

D'SALETE, Marcelo. **Angola Janga.** São Paulo: Veneta, 2017.

D'SALETE, Marcelo. **Encruzilhada.** São Paulo: Veneta, 2016.

D'SALETE, Marcelo. 11 perguntas para Marcelo D'Salete. **Portal Geledés** (2015), In: <https://www.geledes.org.br/11-perguntas-para-marcelo-dsalete/>, acessado em 02/07/2021. (Entrevista).

D'SALETE, Marcelo. **Cumbe.** São Paulo: Veneta, 2014a.

D'SALETE, Marcelo. **Risco.** São Paulo: Editora Cachalote, 2014b.

D'SALETE, Marcelo. **Encruzilhada.** São Paulo: Leya, 2011.

D'SALETE, Marcelo. **Noite Luz.** São Paulo: Via Lettera Editora, 2008.

MOURA, Clóvis. **De bom escravo a mau cidadão.** Rio de Janeiro: Conquista, 1977. (Temas brasileiros, v,21).

RATTS, Alex Petry. MEMÒRIA DISCURSIVA E ANTIRRACISMO: DISCURSOS SOBRE "MOVIMENTO NEGRO" NO JORNAL AFRO-LATINO-AMÉRICA. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.3, n.8, Jan./Jun.2013. In: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9478/6244>, acessado em 23/06/2021.

SILVA, Antonio Ozaí da. Os intelectuais diante do mundo: Engajamento e responsabilidade. **Revista da Faculdade de Educação**. Ano IV – n.5/6, jan-dez. 2006. In: [http://www2.unemat.br/revistafaed/content/vol/vol\\_5\\_6/artigo\\_5\\_6/191\\_205.pdf](http://www2.unemat.br/revistafaed/content/vol/vol_5_6/artigo_5_6/191_205.pdf), acessado em 23/06/2021.

SILVA, Maria Nilza da. **Nem para todos é a cidade: segregação urbana e espacial na cidade de São Paulo**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

YUKA, Marcelo. **O traço é sujo e poético**. In: D'SALETE, Marcelo. Encruzilhada. São Paulo: Leya, 2011, p.7

#### **5-) Referências Discográficas:**

KAMAU. **Entre**. São Paulo: Plano Áudio, 2012.

RACIONAIS MC's. **Nada como um dia após o outro**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002.

RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo no Inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.

THAÍDE & DJ HUM. **Preste Atenção**. São Paulo: Gravadora Eldorado, 1996.